

Déficit externo cai e é o menor desde janeiro de 97

Aumento no superávit comercial ajudou a reduzir buraco nas contas externas, para US\$ 550 milhões

BRASÍLIA – As contas externas encontram-se em acelerado processo de ajuste, motivado, ironicamente, pela própria depreciação da moeda. O déficit nas contas correntes do País em julho atingiu US\$ 550 milhões, o menor valor desde janeiro de 1997. Nos 12 meses terminados em julho, caiu para 3,19% do Produto Interno Bruto (PIB). O déficit externo soma agora US\$ 16,7 bilhões, valor que só é maior do que os US\$ 15,1 bilhões registrados em julho de 1996.

A melhora no saldo da balança comercial e a retração nas despesas com serviços fizeram com que o governo revisse as suas projeções para 2002. Assim, o déficit nas operações com o resto do mundo baixou, na previsão oficial, de US\$ 18 bilhões para US\$ 17 bilhões.

As contas correntes são o mais importante indicador da fragilidade ou robustez do setor externo de um país. Elas são

'ESSAS PROJEÇÕES AINDA PODEM SURPREENDER'

o resultado do saldo na balança comercial (exportações menos importações), gastos nas contas de serviços e rendas (como fretes e remessa de lucros e dividendos) e transferências unilaterais (dinheiro remetido por brasileiros que vivem no exterior).

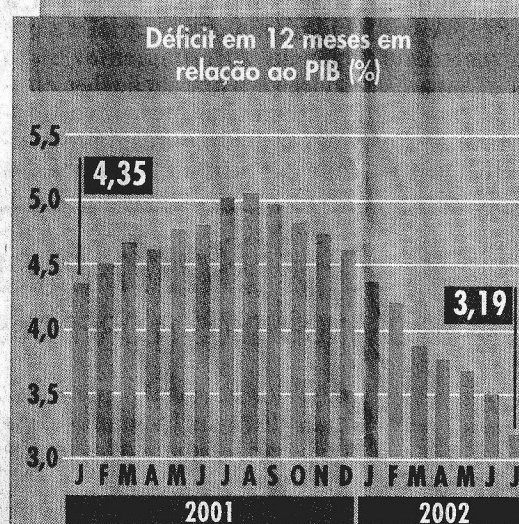
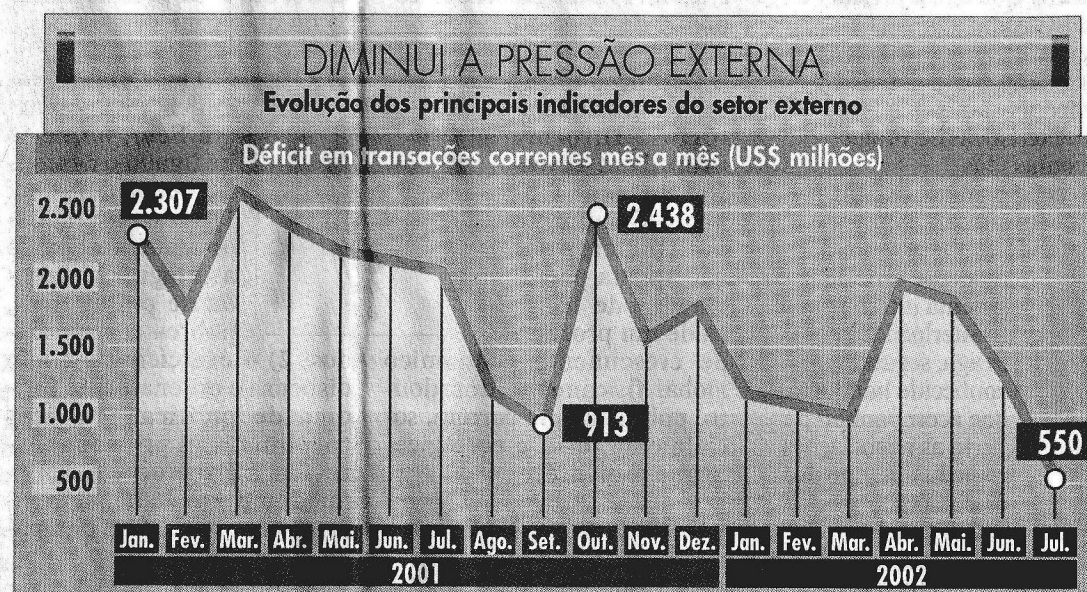
Apesar do bom resultado na conta corrente em julho – que poderá ser ainda melhor em agosto, com o déficit mensal caindo para US\$ 150 milhões –, segundo o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, as contas do País também sofrem as consequências da instabilidade nos mercados. É o que se pode ver pelo fluxo de investimentos estrangeiros no Brasil, que se encontra em retração. Os investi-

mentos diretos estão agora estimados em US\$ 16,5 bilhões, US\$ 1,5 bilhão a menos que na previsão anterior.

Papel decisivo – As exportações terão papel decisivo na melhora do déficit externo. O aumento das vendas de produtos brasileiros ao exterior, aliado a uma queda nas importações, garantiu ao Brasil um ganho de US\$ 1,2 bilhão no comércio com o resto do mundo. No mesmo período de 2001, o saldo comercial foi de apenas US\$ 107 milhões. Enquanto isso, os gastos nas contas de serviços e renda caíram de US\$ 2,2 bilhões em julho de 2001 para US\$ 1,9 bilhão este ano.

Os dados das primeiras semanas de agosto confirmam a expectativa de retração ainda maior do déficit mensal na conta corrente. Até ontem, os gastos com juros somavam US\$ 601 milhões, praticamente a metade do US\$ 1,1 bilhão registrado em julho. As remessas de lucros e dividendos se mantêm no mesmo patamar de US\$ 346 milhões. Já os investimentos estrangeiros diretos totaliza-

vam US\$ 880 milhões. A alta do dólar nos últimos meses, na avaliação de Lopes, poderá proporcionar ganhos comerciais ainda maiores até o fim do ano. As projeções divulgadas ontem, destaca Lopes, são conservadoras. Nos cálculos dele, o superávit comercial deverá ultrapassar em quase US\$ 1 bilhão os US\$ 7 bilhões estimados oficialmente. E o déficit em serviços e renda também poderá ser cerca de US\$ 1 bilhão inferior aos US\$ 26 bilhões divulgados. “Essas projeções ainda podem surpreender.” Com relação aos investimentos diretos, ele acredita que ainda há muita volatilidade nos mercados. (Sheila D’Amorim e Vânia Cristino)



Prós e contras do déficit menor

- O saldo comercial de US\$ 1,2 bilhão em julho foi o principal responsável pela redução do déficit na conta corrente
- As despesas com viagens internacionais foi de US\$ 75 milhões, bem abaixo dos US\$ 157 milhões de julho do ano passado
- O dólar caro inibe remessas de lucros e dividendos, que caíram para US\$ 345 milhões em julho, ante US\$ 699 milhões em junho
- Déficit menor nessa conta indica que o País precisa captar menos recursos estrangeiros para se financiar



- Boa parte da melhora da balança comercial se deve à queda das importações porque o nível da atividade econômica está muito fraco
- Se a economia estivesse crescendo a um ritmo mais forte, as importações seriam maiores, pressionando as contas externas
- As incertezas afastam os investidores: os investimentos diretos estrangeiros (IDE) caíram de US\$ 1,53 bilhão em junho para US\$ 929 milhões em julho
- Com as turbulências, o Banco Central revisou sua projeção de IDE de US\$ 18 bilhões para US\$ 16,5 bilhões